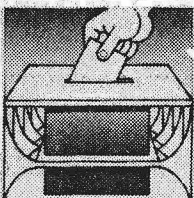


Partidos adiantam acordos de olho no segundo turno

Com medo de uma grande derrota, PMDB e PFL antecipam alianças para a reta final

LUIZ FERNANDO RILA
e MARCELO BAUER

A partir desta semana, o deputado Ulysses Guimarães, do PMDB, pode ver sua candidatura à Pre-



sidência enfraquecida pelo mesmo remédio que, no passado, foi uma das principais vitaminas do partido: o voto útil. Na tentativa de evitar que uma derrota vergonhosa agora acabe sepultando, no futuro, as carreiras políticas dos peemedebistas, a ala esquerda do partido, ligada ao candidato a vice, Waldir Pires, defende que o segundo turno seja feito antes de 15 de novembro.

"Caso Ulysses não passe dos 7%, dentro de dez dias, nosso grupo vai pregar o voto útil em favor de algum candidato de esquerda", avisa um dos integrantes do chamado "Novo PMDB", o deputado Francisco Pinto (BA). "Não podemos correr o risco de ver dois nomes de direita disputarem o segundo turno."

Pior do que a situação de Ulysses é a de Aureliano Chaves, candidato do PFL. Abandonado, Aureliano é um simples espectador do que acontece em seu partido. Na última quarta-feira, por exemplo, todos os cardeais do PFL se reuniram em Brasília para discutir o segundo turno. Cerca de cem pessoas — entre ministros, senadores e deputados — jantaram na casa do ministro do Interior, João Alves Filho. Só o candidato não foi convidado.

FESTA QUERCISTA

A articulação dos "progressistas" do PMDB não é a única que se verifica no interior do partido. O governador Orestes Quécia, um dos coordenadores da campanha de Ulysses, pensa além do segundo turno e tenta se firmar como a grande liderança do PMDB, de olho na presidência do partido. No último dia 4, uma reunião para discutir



José Paulo/AE - 18/5/89

Inocêncio de Oliveira, do PFL: "A sigla será preservada"

a estratégia dos quercistas em 1990 acabou sendo abortada.

Aproveitando sua passagem por Brasília, onde participou das gravações do programa de Ulysses na TV, Quécia iria conversar reservadamente com seu grupo na casa do deputado Marcelo Cordeiro (BA). Mas a informação acabou chegando aos ouvidos de outros peemedebistas e o encontro foi transformado, às pressas, em uma grande "festa", com a presença de Ulysses, Waldir e 53 deputados.

Os quercistas, de qualquer forma, não escondem os planos de fazer do governador paulista o sucessor de Ulysses no comando partidário. "O Quécia é o pólo aglutinador do partido", diz Cordeiro. "O PMDB do futuro não terá como prescindir de sua liderança."

Pela direita, o grupo "moderado" também já dá a eleição como perdida e faz planos para o segundo turno — mas não mostra disposição de lutar pela unidade partidária. "O Novo PMDB sempre foi o velho brizolismo",

reclama o ministro da Educação, Carlos Sant'Anna. "É difícil ficar ao lado de quem nasceu no mesmo ventre podre que pariu Maluf e Afif", rebate Francisco Pinto.

A esquerda do PMDB já estabeleceu até um prazo para tomar uma decisão. Caso Ulysses não melhore sua posição nas pesquisas dentro de dez dias, os "progressistas" prometem defender abertamente o apoio a outro candidato. Coincidência ou não, a data apontada pelo "Novo PMDB" é a mesma que um dos coordenadores da campanha do PDT, o deputado Brandão Monteiro, estabelece para o início das negociações entre os partidos. "A partir de 25 de outubro as conversas vão se intensificar", acredita.

SEMPRE GOVERNO

Tão dividido quanto o PMDB no primeiro turno, o PFL já se articula para tentar juntar os cacôs do partido no segundo turno. "A sigla será preservada", anima-se o vice-presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira

(PE). "Precisamos de um partido unido para ter força no Congresso no ano que vem." Se seguir a tradição, o PFL estará em 1990 onde sempre esteve: ao lado do governo.

No jantar de quarta-feira, os pefelistas concordaram em selar um "pacto de união", para o segundo turno. O encontro reuniu todas as tendências do partido, desde o senador Jorge Bornhausen (SC), que apóia Guilherme Afif Domingos, do PL, a José Agripino (RN), que está com Fernando Collor de Mello, do PRN. O presidente do PFL, Hugo Napoleão, convocou um novo encontro para logo depois do primeiro turno.

Na reunião, o líder na Câmara, Ricardo Fiúza (PE), defendeu que o partido deve manter um apoio ao menos formal a Aureliano, sob pena de comprometer a imagem da legenda. Fiúza anunciou que a partir de agora irá se apresentar no horário eleitoral gratuito e sugeriu que os demais deputados fizessem o mesmo. A idéia não animou os parlamentares.